

constituem o espaço de possibilidade para a emergência dos quadrinhos para adultos e tudo o que representam no universo de produtores e leitores no território espanhol.

### Notas de Referência

- \* Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), orientado pela Professora Doutora Andréa Casa Nova Maia. Contato: andreassuncao10@hotmail.com Bolsista CAPES.
- <sup>1</sup> COMA, Javier (org.). *História de los comics*. Barcelona: Toutain Editor, 1984, Fascículo 41.
- <sup>2</sup> VEYNE, Paul. *Como se escreve a história: Foucault revoluciona a história*. 4ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1988.
- <sup>3</sup> DARTON, Robert. Histórias que os camponeses contam: o significado de Mamã Ganso. In: *O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006, p. 47.
- <sup>4</sup> É importante deixar claro que "meios editoriais" são pensados aqui não como uma unidade essencial que funciona harmoniosamente, mas sim os indivíduos-agentes em toda a sua diversidade se relacionando imersos em uma conjuntura contingencial particular, sobre qual agem, e onde alguns são mais talentosos que outros.
- <sup>5</sup> COMA, Javier (org.). *História de los comics*. Barcelona: Toutain Editor, 1984, Fascículo 41.
- <sup>6</sup> Editora norte-americana que durante a década de 1960, pouco se importando com o *Comics Code Authority*, retomou a linha editorial popularizada pela *EC Comics* com publicações dos gêneros de ficção criminal, horror, sátira, ficção militar e ficção científica.
- <sup>7</sup> COMA, Javier (org.). *História de los comics*. Barcelona: Toutain Editor, 1984, Fascículo 38.
- <sup>8</sup> CERVERA, Rafael. *Alaska y otras historias de La Movida*. Barcelona: Plaz & Janés, 2002.

### O Modelo Político de Alexandre, O Grande na Roma do Século II d.C.: Perspectivas Teóricas na *Anábese de Alexandre Magno* de Arriano de Nicomédia

André Luiz Leme\*

Quando realizamos a leitura da obra *Anábese de Alexandre Magno*, composta pelo grego Arriano de Nicomédia (cerca de 90 – após 145/6 d.C.)<sup>1</sup> na primeira metade do século II d.C., nossa primeira impressão é a de uma narrativa que simplesmente ordenou os acontecimentos da notável expedição militar do rei macedônio. No entanto, tal escrito possuía, no tempo de Arriano, uma inteligibilidade própria, atribuindo-lhe um potencial teórico instrutivo em relação à discussões sobre a política e o poder em seu tempo. Consideramos, portanto, a obra de Arriano enquanto uma proposta historiográfica. Desde Tucídides o discurso histórico sobre o passado ganhava uma espécie de função social: servia de amparo aos homens que, no presente ou no futuro, deveriam lidar com situações semelhantes ou iguais àquelas já ocorridas no passado<sup>2</sup>. Políbio também ressaltou a importância do paralelo passado/presente quando se avaliava as circunstâncias do momento<sup>3</sup>, novamente ressaltando a ideia de utilidade do discurso histórico. Este, para ser útil e servir aos homens, deveria, necessariamente, apresentar relatos verdadeiros, amparados no rigor crítico e metodológico do historiador. Arriano, logo ao início de sua obra, deixa claro aos leitores que seu escrito era verdadeiro, tendo em vista a crítica e manuseio das fontes que fez<sup>4</sup>; além disso, propunha através dele servir à humanidade com alguma utilidade<sup>5</sup>.

Podemos, a partir dessas considerações, propor um olhar diferenciado sobre a obra de Arriano, buscando entrever uma narrativa que, através da escrita historiográfica, levantava perspectivas teóricas sobre o comportamento e as ações de um governante. Boas ou ruins, tais perspectivas seriam, invariavelmente, pertinentes e adequadas em relação ao panorama político de seu tempo de composição. Como, então, poderíamos encontrá-las na obra? Devemos, antes de tudo, procurar as regularidades: momentos no quais Arriano atribua uma mesma característica ao personagem Alexandre. Dessa forma, vislumbramos a subjetividade do autor na construção de seu trabalho, bem como seu desejo em incutir no leitor determinado pensamento. No seguimento realizamos tal exercício de análise tendo por base uma questão principal: quais aspectos

legitimavam Alexandre em sua posição no poder? Para tal, vejamos alguns momentos da expedição de Alexandre, especialmente indicativos para o tema de estudo.

Nosso primeiro caso de interesse aconteceu imediatamente após a ascensão de Alexandre ao poder. De fato, após a morte de seu pai, Filipe II, o novo rei macedônio enfrentou grandes dificuldades para assegurar sua ascensão e legitimação no poder. Durante esse momento, Alexandre teve de se direcionar à região da Trácia, onde algumas tribos, até então dominadas pelos macedônios, acabaram se rebelando. No desenrolar dessa campanha, um momento específico nos chamou atenção: a batalha do monte Hemo. Nesse instante, o rei macedônio e seu exército encontravam-se em perigo devido à ação de alguns rebeldes que, a partir de uma posição estratégica (o monte Hemo), ameaçavam jogar carros de guerra sobre eles. Diante dessa situação:

*Alejandro estudió otras maneras de atravesar por el monte con mayor seguridad para sus tropas, pero, convencido de que no existía otra opción, decidió arrostrar el peligro, ya que por ninguna otra parte había acceso. Con todo, hizo a sus hoplitas las siguientes prevenciones: cuando vieran que los carros se despeñaban cuesta abajo contra ellos, todo el que tuviera vía libre debía romper la formación y apartarse para dejar que los carros pasaran entre las filas de soldados y fueran a estrellarse peñas abajo. Les recomendó igualmente, que si algún grupo se veía sorprendido y los carros se les venían encima, debían agazaparse y echarse justo en que los carros cayeran sobre ellos, pues así cabría esperar que los carros saltaran por encima, debido al impulso que llevaban, y pasasen de largo sin causarles daño. Efectivamente, ocurrió tal y como Alejandro habla supuesto, de suerte que parte de sus hombres, que siguieron en todo sus consejos, rompieron la formación; respecto a los demás, apenas sufrieron daño, pues los carros rodaron sobre sus escudos. Ni un solo hombre murió aplastado bajo ellos.<sup>6</sup>*

Nesse relato militar, vemos um Alexandre que agiu de modo consciente, estudando suas opções de ação. Diante de uma situação que não proporcionava muitas opções de ação, Alexandre demonstrou coragem e se decidiu por enfrentar uma situação perigosa. No entanto, essa decisão veio acompanhada de várias prevenções e recomendações às suas tropas, momento no qual Alexandre demonstrou que não agia por impulso, possuindo sempre o controle da situação e das possíveis adversidades que poderiam dificultar seu plano. Sua estratégia compreendeu dois movimentos: 1)

quando os carros fossem jogados, os soldados deveriam se afastar, abrindo colunas, justamente para que os carros passassem pelo meio deles e não os atingissem diretamente; 2) se por algum motivo o choque contra algum carro fosse inevitável, os soldados deveriam se abaixar, esperando que os carros passassem por cima deles. O segundo movimento é uma espécie de "plano B" para a situação, mas o que nos chama atenção foi sua concepção: Alexandre orientou suas tropas pautando-se em critérios racionais advindos de uma observação e estudo da natureza, e por isso considerou que os carros de guerra, devido ao impulso que levariam ao descer o monte, poderiam muito bem saltar sobre os macedônios e, assim, não infligir dano algum a eles.

Toda essa versatilidade do rei macedônio teve como consequência o sucesso de sua empreitada, pois, como Arriano assinalou, tudo ocorreu como ele, Alexandre, havia suposto que ocorreria. De fato, não houve quaisquer surpresas imprevisíveis para o rei macedônio. Mas ainda notamos outro aspecto interessante ao final dessa passagem, uma espécie de lição moral: aqueles que obedeceram ao rei macedônio, seguindo totalmente os seus conselhos, conseguiram avançar de modo seguro; quanto aos demais, que provavelmente não seguiram à risca o plano principal e tiveram de se utilizar do "plano B", estes já sofreram alguns pequenos danos. Através dessa interessante contraposição que acabamos de salientar, fica também implícita a lição da obediência, a qual não pode faltar e que só pode prejudicar aqueles que não a praticam e seguem rigorosamente – especialmente em relação à um líder que se demonstrava tão apto para enfrentar situações como essas.

Nosso próximo momento de análise também ocorreu durante a perseguição aos povos rebeldes da região da Trácia. Nessa empreitada, Alexandre teve de enfrentar uma situação inusitada: perseguir bárbaros, trácios e ilírios, que haviam se refugiado em uma ilha, no rio Istro, buscando proteção. Ainda que alguns poucos barcos tenham vindo, partindo de Bizâncio, para ajudar Alexandre em sua chegada até a ilha, a situação demonstrou-se muito mais complexa, como Arriano ressaltou:

*La mayor parte de la isla era muy escarpada para intentar un desembarco, y la corriente del río en exceso impetuosa (y ello era natural, ya que en ese punto el cauce del río se estrangula y se hace mucho más estrecho). A la vista de ello, Alejandro decidió retirar las naves, cruzar al otro lado del Istro, y marchar contra los getas que por*

*allí habitaban (podía verlos en gran número sobre la otra orilla, y calculó que serían unos cuatro mil jinetes y más de diez mil infantes).*

Os aspectos naturais da região tornavam o desembarque uma tarefa inviável na perspectiva do autor, o qual reiterou, a partir de uma observação própria, o estreitamento natural que o rio apresentava naquele lugar. Alexandre, consciente dessas adversidades e do perigo real que elas representavam, decidiu então cruzar o rio Istro e enfrentar outro povo bárbaro que habitava a região, os chamados getas. No entanto, antes calculou a dificuldade da tarefa pela quantidade de inimigos que ele mesmo observara na margem oposta do rio. No seguimento, Alexandre estabeleceu um procedimento para enfrentar a situação, apresentado por Arriano da seguinte forma:

*El plan de Alejandro era dispersarlos para poder atravesar el río, empresa por la que sentía vivo interés, y para la cual él mismo se había embarcado en una de sus naves. Para llevar a cabo su plan, realizó la siguiente operación: llenó de paja las tiendas de cuero con las que solía construir el campamento, y reunió todas las canoas hechas de un solo tronco de árbol que solían utilizar los ribereños (y de las que había conseguido un buen número, ya que los indígenas las emplean para la pesca, para hacer expediciones río arriba, y porque muchos se dedican con ellas a la piratería); reuniendo, pues de éstas el mayor número que pudo, comenzó así con ellas la travesía de su ejército. Consiguió de esta forma que pasaran a la otra orilla mil quinientos jinetes y unos cuatro mil infantes.*

O Alexandre desse momento demonstrou-se movido por um interesse peculiar, uma motivação especial que derivava da sua própria vontade de alcançar objetivos e, conseqüentemente, a vitória. Para isso, ele estabeleceu um plano, o qual compreendia uma série de operações. O primeiro aspecto de seu planejamento foi garantir a travessia segura de suas tropas pelo rio Istro – assegurada por meio da busca e recolhimento de canoas. Durante e depois desse momento, Alexandre continuava demonstrando seu controle sobre a situação, orientando suas tropas para as ações certas:

*Llevaron a cabo la travesía durante la noche, por donde había un crecido trigal que llegaba hasta el mismo río, y gracias al cual pudieron pasar desapercibidos. Bajo los primeros rayos del sol, Alejandro condujo a sus hombres a través del trigal, recomendando a los infantes igualar con sus sarisas inclinadas la altura del trigo, e irse así abriendo camino hacia el terreno no labrado.*<sup>9</sup>

O momento da travessia foi apresentado por Arriano através de uma narrativa nitidamente dramática e repleta de tensão. A estratégia de Alexandre compreendeu uma travessia noturna: desse modo, passariam despercebidos. Quando do raiar do sol, Alexandre fez recomendações aos seus soldados, assegurando a marcha deles por um campo de trigo. Finalmente, o momento do ataque do exército macedônio foi descrito por Arriano de modo exaltado, como um grande trunfo do gênio de Alexandre e de seu plano:

*Los getas no resistieron siquiera el primer ataque de la caballería; en efecto, la osadía de Alejandro (que con toda facilidad había cruzado en una sola noche el Istro, que es el mayor de los ríos, y eso sin tener que tender un puente para su paso) les pareció increíble, como terrible les pareció el cerco de la falange y violento el ataque de la caballería.*<sup>10</sup>

O termo "ousadia" utilizado por Arriano não pressupõe uma atitude inconseqüente de Alexandre, pela contrário: o modo como o rei macedônio lidou com a situação, organizou e preparou racionalmente seu ataque tornou uma tarefa, supostamente difícil, fácil. Arriano dimensionou a vitória de Alexandre como uma superação da própria natureza, nesse caso o rio Istro – o "maior" em seu pensamento. No desfecho dessa ação vitoriosa, Arriano comenta que Alexandre ofereceu "un sacrificio sobre la ribera del Istro a Zeus Salvador, a Heracles, y al próprio rio Istro, cuya travesía le había resultado tan cómoda. Aquel mismo día hizo retornar a todos sanos y salvos al campamento".<sup>11</sup> Portanto, vemos que o zelo de Alexandre para com seus companheiros garantiu a segurança de todos e o sucesso de seu plano.

Nosso próximo momento de análise, comparado aos anteriores, é bem posterior: ocorrera após o confronto entre Alexandre e Dario. O rei macedônio, após sua vitória sobre o rei persa e conseqüente perseguição de seu assassino, Beso, buscou fortalecer sua posição de comando na longínqua região da Sogdiana, enfrentando diversos grupos rebeldes e construindo fortes militares. Nesse ínterim, surge uma situação interessante, um grupo havia se estabelecido numa praça forte, uma montanha, visando proteção frente à Alexandre, como verificamos na seguinte passagem da narrativa de Arriano:

*No hizo más que despuntar la primavera, cuando Alejandro se dispuso a avanzar hacia la Roca Sogdiana, en la que habían encontrado*

*seguro refugio, según informaciones a él llegadas, buen número de sogdianos. La propia mujer de Oxiartes el bactrio y sus hijas estaban en este refugio, según se decía; allí las había llevado Oxiarte por ser un lugar algo apartado e inexpugnable y que él mismo había sublevado antes contra Alejandro. Estaba convencido Alejandro de que una vez tomada esta posición fuerte nos les quedaría nada que hacer a los sogdianos que pretendieran sublevarse. A medida que se aproximaba a la roca, observó Alejandro con gran sorpresa que resultaba prácticamente inexpugnable por todas partes, y que los bárbaros habían conducido a su interior suficientes provisiones para un largo asedio. De otra parte, una gran nevada que había caído recientemente dificultaba el acceso a los macedonios, al tiempo que aseguraba aprovisionamiento de agua a los bárbaros.*<sup>12</sup>

O local onde se encontravam os rebeldes, entre os quais se incluíam familiares do nobre bactrio Oxyartes, era denominado de a "Rocha Sogdiana". Esta fortaleza era tida como inexpugnável, uma ótima posição estratégica de defesa. Justamente por isso, Alexandre acreditava que, se tomada, não haveria outras opções de proteção para aqueles sogdianos que pretendessem se rebelar – uma visão prática para se acabar, finalmente, com as revoltas.

No entanto, o olhar atento de Alexandre fez com que ele percebesse uma série de obstáculos para a conquista dessa fortaleza: ela era praticamente inacessível, não importando qual parte dela se planeasse atacar; as pessoas em seu interior estariam preparadas para um longo sítio, tendo em vista terem conduzido grandes provisões alimentícias para o interior da praça; por fim, havia acontecido uma grande nevada recentemente, a qual dificultaria ainda mais o acesso para os macedônios, ao mesmo tempo em que assegurava um melhor fornecimento de água para os bárbaros. Alexandre, portanto, levou em consideração todos esses fatores que, de certo modo, dificultavam e muito a conquista da fortaleza na montanha. Porém, mesmo diante dessas circunstâncias, Alexandre optou sim por conquistá-la:

*Aun con todos estos inconvenientes, Alejandro decidió el asalto a la fortaleza. Habían hecho los bárbaros declaraciones en extremo jactanciosas que habían provocado en Alejandro un vivo interés por alcanzar gloria en esta afanosa empresa. En efecto, en el transcurso de unas entrevistas mantenidas para procurar la salvación e retirada de los sitiados a cambio de abandonar el fuerte, éstos, en tono de burla, dijeron en su jerga bárbara a Alejandro que buscara soldados con alas, con los que talvez podría capturar la plaza, en la convicción de que ningún otro mortal podría hacerla suya. Ante esto, hizo*

*proclamar Alejandro que para el primero que subiera habría una recompensa de doce talentos, para el segundo un segundo premio, otro para el tercero, y así sucesivamente hasta el último que subiera, que obtendría uno no menor de trescientos daricos. El efecto de esta proclama no hizo sino avivar aún más los ánimos de los macedonios, ávidos como ya estaban por escalar la roca.*<sup>13</sup>

Arriano transmitiu a idéia de que Alexandre estava sim consciente de sua ação, pois sabia das dificuldades que enfrentaria ao tentar conquistar a Rocha Sogdiana. O que realmente teria motivado Alexandre a enfrentar o perigo foram as declarações bárbaras, demasiadamente presunçosas: eles teriam dito, em tom de chacota, que os macedônios precisariam encontrar "soldados com asas", pois somente assim teriam condições de conquistar a praça – ato que nenhum outro mortal conseguiria. Mas Alexandre, diante disso, compreendendo o aspecto moral da questão, encontrou uma estratégia de incentivo para vencer a dificuldade do momento: aqueles que escalassem a íngreme parede ganhariam, em termos da ordem de chegada, uma recompensa financeira. O ânimo, diante disso, aumentaria, bem como a possibilidade de conquista. Esse incentivo veio acompanhado de algumas recomendações por parte de Alexandre, as quais tornavam a escalada uma atitude viável:

*Se reunieron a propósito los hombres que ya en otros asedios habían adquirido práctica en escalar posiciones difíciles, unos trescientos aproximadamente. Se equiparon con unas pequeñas estacas de hierro, las mismas que se utilizan para fijar los vientos de las tiendas, y las fueron hincando en la nieve cuando ésta tenía suficiente consistencia, o en las calvas de roca que entre la nieve aparecían; las enlazaron luego con resistentes cordeles de lino, avanzando así durante toda la noche por la parte más abrupta de la roca, que era precisamente la menos vigilada. Clavando, como queda dicho, las estacas sobre la roca donde ésta se hacía visible, y la mayor parte de ellas sobre la nieve que resistía sin hacerse polvo, fueron ascendiendo uno tras otro por la roca. En la escalada perecieron unos treinta hombres cuyos cuerpos cayeron despeñados por distintos lugares, sin que fueran jamás localizados para darles sepultura. Sin embargo, los demás consiguieron culminar la ascensión del monte antes del amanecer. Desde allá arriba agitaron unas banderas para hacerse visibles al ejército macedonio, siguiendo con ello las instrucciones que Alejandro les diera. Envió entonces Alejandro un heraldo a las primeras filas de los bárbaros, no a conversar por más tiempo, sino a decirles que se rindieran, ya que él había conseguido los hombres con alas que necesitaba (al propio tiempo el mensajero debía señalar a la cima del monte para que vieran que los macedonios tenían copada las*

*alturas). Ante esto, los bárbaros quedaron estupefactos, no dando crédito a lo que sus ojos veían. Temiendo que los que ocupaban las alturas fueran más de los que en realidad eran y estuvieran perfectamente pertrechados, se entregaron sin ofrecer resistencia. Tal fue el miedo que sintieron a la vista de aquel reducido número de macedonios. Fueron hechos prisioneros mujeres y niños, y entre ellos la mujer e hijas de Oxiartes.<sup>14</sup>*

Os mais experientes em matéria de sítio e escalada foram selecionados, pois era deles que se esperava a conquista da parede. Através do uso de estacas de ferro, iniciaram a escalada, mas não a partir de qualquer ponto – partiram do lado onde a vigilância era menor por parte dos bárbaros, sendo intencionalmente empreendida na escuridão da noite. Pela manhã, alguns já haviam conquistado a parede. Seguindo as *instruções* de Alexandre, assinalaram com o agitar de uma bandeira este feito. Os bárbaros, quando questionados pelo mensageiro de Alexandre sobre a rendição ou não deles, demonstraram-se surpresos pela atitude de conquista que presenciavam, como se Alexandre tivesse realmente conseguido os tais “soldados alados”. Frente ao temor que surgiu no momento, os bárbaros se entregaram sem oferecer resistência. Em suma, percebemos que esse momento da expedição de Alexandre provou novamente que o rei macedônio, mesmo diante de certas dificuldades naturais, era plenamente capaz de obter a vitória, tendo em vista que os obstáculos foram vencidos pelo seu *raciocínio e planejamento*.

Tendo em vista esses três momentos de análise no documento, verificamos que a narrativa de Arriano construiu em Alexandre um modelo de governante que possuía características *singulares* no comando. Quando o rei macedônio enfrentava obstáculos naturais em sua jornada, não contava com a sorte para superá-los: apoiava-se em seu amplo *conhecimento e raciocínio* para *compreender* cada circunstância atenuante, *avaliando* a melhor ação para *garantir* a inevitabilidade de seu *sucesso*. A partir dessas perspectivas, entrevemos o âmago da proposta teórica de Arriano: o governante deveria ser um homem *preparado*, possuindo uma *formação adequada e experiência* no campo da *liderança*. São, portanto, princípios que *legitimam* a posição de alguns e não de outros no governo.

Isso posto, de que forma essa proposta teórica tomava-se inteligível na época de Arriano? Poderíamos dizer, no que se refere ao ambiente de poder do Império Romano de inícios do século II d.C., que tal pressuposto encontrava sua *utilidade* quando direcionada

como elemento de reivindicação por parte do grupo senatorial<sup>15</sup> em relação a escolha de quem seria o *princeps*. De fato, essa questão remonta aos constantes conflitos entre o grupo senatorial e o *princeps* durante o primeiro século depois de Cristo: o Imperador era muitas vezes acusado de despótico e tirânico, ou seja, um homem que governava sem dar ouvidos à instituição que representava o Senado.<sup>16</sup> Para os membros desse grupo, não bastava o personagem ter sido aclamado<sup>17</sup> pelas legiões: era preciso estar em consonância com o pensamento deles, governando para o interesse deles. Os historiadores Engel e Palanque destacam três formas de ascensão ao principado que foram claramente rejeitadas pela opinião senatorial:

*Não se quer um imperador “imposto pelos soldados” e escolhido fora de Roma. Recusa-se o imperador surgido das obscuras tramas de uma imperatriz que houvesse subjugado o esposo. Desconfia-se dos ambiciosos que tenham ou possam ter segundas intenções de abusar da monarquia.<sup>18</sup>*

Nesse sentido, não seria qualquer um que poderia almejar tal posição no poder. Dentre aqueles que poderiam, estariam justamente e principalmente os senadores. Estes defendiam a prerrogativa da tradição política que representavam, ressaltando o critério teórico de uma formação especial que eles adquiriam, exemplificada no *cursus honorum*, e que lhes garantiam a experiência necessária para exercer uma boa liderança. Portanto, enquanto parte do universo mental do grupo senatorial, a proposta teórica que encontramos na obra de Arriano vem no sentido de reforçar um demanda em relação ao poder: os mais bem *preparados* deveriam governar, sendo os *legítimos* detentores do poder para o bem de todos.

No que se refere a tal perspectiva, não podemos deixar de entrever uma aproximação, em termos teóricos, para com certos aspectos do modelo de governo denominado *basiléia*. Segundo o historiador Renan Frighetto, esse modelo foi proposto “por pensadores gregos do século IV a.C., especialmente por Isócrates e Platão, em que os melhores e mais bem preparados cidadãos exerceriam as tarefas de governo em prol de toda a comunidade política”.<sup>19</sup> Domingo Plácido Suárez, em seu artigo *Las formas del poder personal: la monarquía, la realeza y la tiranía*, reforça que tal perspectiva da *basiléia* esteve sim presente na caracterização do governo de Alexandre na *Anábasis de Alexandre Magno*. Segundo ele, ao apresentar Alexandre como modelo de bom governante, Arriano teve por base uma forma de realeza tradicionalmente grega,

ou seja, "heredera de la realeza antigua, la que se identifica con la aristocracia heróica, la βασιλεία homérica".<sup>20</sup> De fato, a teoria em torno desse modelo de governo pressupunha, visando o bem da comunidade política, que apenas os melhores e mais bem preparados homens – entenda-se, advindos de uma elite tradicional e aristocrática – é quem poderiam assumir posições no governo com autoridade e boa liderança. Nesse sentido, o rei deveria ser exatamente o melhor dentre esses homens: o mais virtuoso e o de maior conhecimento.

Ao mesmo tempo, ressaltamos também a intenção de resgate, por parte de Arriano, de toda uma tradição helenística que prezava, dentro de uma ideologia de realeza, pela excelência na educação daqueles que iriam governar – aspecto este que também foi personificado no personagem de Alexandre, como aponta Victor Alonso Troncoso em artigo intitulado *La paidéia del príncipe y la ideología helenística de la realeza*:

[...] junto a las imágenes del Alejandro conquistador, y explorador, y estadista, la historiografía helenística consagró asimismo la del rey bien educado, empezando por Marsias de Pela y Onesicrito de Astipalea, y en consecuencia también la del fomentador de la paidéia a escala de la nueva ecúmeno grego-oriental.<sup>21</sup>

Portanto, a contraposição passado/presente que a *Anábasis de Alexandre Magno* projeta no tempo de Arriano constrói e fortalece uma idéia de continuidade entre uma herança helenística e romana.<sup>22</sup> Ao servir de *exemplum*, o modelo de governo de Alexandre estabelecia preceitos teóricos inteligíveis ao universo senatorial e à tradição que esse grupo representava, os quais podemos entender enquanto demandas em relação ao poder no que se refere ao panorama político do Império Romano de inícios do século II d.C.

### Notas de Referência

\* Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná (UFPR), orientado pelo Professor Doutor Renan Frighetto. Contato: andreluizleme@yahoo.com.br

<sup>1</sup> Nascido em Nicomédia, na província romana da Bitínia-Ponto, era membro de uma importante família da aristocracia local. Cidadão romano, seguiu o *cursus honorum* senatorial, tornando-se cônsul em 129 d.C. e chegando à posição, no ano de 131/32 d.C., de *legatus Augusti pro praetore* na província da Capadócia. Dentre suas obras,

encontramos escritos de cunho historiográfico (*Bithyniaca*, *Parthica*, *To meta Alexandron*), filosófico (*Diatribai*, *Encheiridion*) e militar (*Periplus Euxeinou Pontou*, *Techne taktike*, *Ektaxis kata Alanon*).

<sup>2</sup> TUCIDIDES. *Historia de la guerra del Peloponeso*: libros I – II. Trad. Juan José Torres Esbarranch. Madrid: Gredos, 1990, pp. 164-166.

<sup>3</sup> POLÍBIO. *Historias*: libros V-XV. Trad. de M. B. Recort. Madrid: Gredos, 1981, p.503.

<sup>4</sup> ARRIANO. *Anábasis de Alejandro Magno*: libros I-III. Tradução de Antonio Guzmán Guerra. Madrid: Editorial Gredos, 1982, p. 117.

<sup>5</sup> ARRIANO. *Anábasis de Alejandro Magno*: libros IV-VIII. Tradução de Antonio Guzmán Guerra. Madrid: Editorial Gredos, 1982, p. 255.

<sup>6</sup> ARRIANO. *Anábasis de Alejandro Magno*: libros I-III. Tradução de Antonio Guzmán Guerra. Madrid: Editorial Gredos, 1982, p. 122.

<sup>7</sup> Idem, p. 127.

<sup>8</sup> Idem, pp. 127-128.

<sup>9</sup> Idem, p.128.

<sup>10</sup> Idem, p. 129.

<sup>11</sup> Idem, p. 129

<sup>12</sup> ARRIANO. *Anábasis de Alejandro Magno*: libros IV-VIII. Tradução de Antonio Guzmán Guerra. Madrid: Editorial Gredos, 1982, pp. 48-49.

<sup>13</sup> Idem, pp. 49-50.

<sup>14</sup> Idem, pp. 50-51.

<sup>15</sup> Segundo P. Stadter, "A book like the Anabasis was addressed to the elite of the Roman Empire – those administrators, senators, officers, and intellectuals who could appreciate the restrained classicism of his style, the careful reconstruction of military operations, the interest in Alexander's moral development. [...] the intended audience [...] is much more knowledgeable and refined". In: STADTER, P. A. *Arrian of Nicomedia*. Chapel Hill, 1980, p.168.

<sup>16</sup> Verificamos aqui a influência do estoicismo, corrente de pensamento ético e filosófica predominante no grupo senatorial, em relação à construção dessa crítica, tal como aponta a seguinte afirmação de Rostovtzeff: "O governante, príncipe ou rei, não era um senhor, segundo o ensinamento estoico, mas um servo da humanidade e devia trabalhar para o bem de todos, e não em prol de seus interesses próprios e de sua manutenção no poder". In: ROSTOVITZEFF, Michael Ivanovich. *História de Roma*. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1967, p.205.

<sup>17</sup> Segundo Frighetto, "ao fim e ao cabo o poder imperial estava associado ao efetivo controle do mando militar através de um dos mais importantes e significativos símbolos da auctoritas do *princeps*, a *aclamatio imperii*, aclamação das forças legionárias sem a qual nenhum pretendente ao poder supremo, que traduzimos por império, poderia manter-se". FRIGHETTO, Renan. "Imperium et orbis: conceitos e definições com

- base nas fontes tardo-antigas ocidentais (séculos IV-VII)". In: Andréa Doré; Luís Filipe Silvério Lima; Luiz Geraldo Silva. (Org.). *Facetas do Império na História: Conceitos e métodos*. 1ª ed. São Paulo: Editora Hucitec, vol. 1, p.159, 2008.
- 18 ENGEL, J. M.; PALANQUE, J. R. *O Império Romano*. São Paulo: Atlas, 1978, p.71.
- 19 FRIGHETTO, Renan. "Imperium et orbis: conceitos e definições com base nas fontes tardo-antigas ocidentais (séculos IV-VII)". In: Andréa Doré; Luís Filipe Silvério Lima; Luiz Geraldo Silva. (Org.). *Facetas do Império na História: Conceitos e métodos*. 1ª ed. São Paulo: Editora Hucitec, vol. 1, p.149, 2008.
- 20 PLÁCIDO, D. "Las formas del poder personal: la monarquía, la realeza e la tiranía". *Gerión*, Madrid, v.25, n.1, p. 153, 2007.
- 21 ALONSO TRONCOSO, V. "La paideia del príncipe y la ideología helenística de la realeza". *Gerión*, Madrid, v.23, n.9, p. 200, 2005.
- 22 Segundo a historiadora Maria José Hidalgo de La Vega, "La fundación de este Imperio como régimen político, en algunos aspectos, pretendía ser el heredero del imperio alejandrino y continuador de su programa civilizador y conquistador". In: HIDALGO DE LA VEGA, María José. "Algunas reflexiones sobre los límites del oikoumene en el Imperio Romano". *Gerión*, Madrid, v.23, n.1. p. 275, 2005.

## A vida de Gonçalves Dias de Lúcia Miguel Pereira: um exemplo de biografia moderna em terras brasileiras

Andréa Camila de Faria\*

A escrita biográfica não se apresentou sob um modelo contínuo ao longo da história e suas variações dialogam, embora não coincidam, com as variações na história da escrita da História. O processo de laicização interferiu na forma de conceber a natureza humana, interferindo desta forma na maneira de escrever as ações humanas. Nesse sentido, os debates contemporâneos sobre a escrita biográfica contribuíram para o desenvolvimento de uma história do gênero, caminho percorrido, por exemplo, por Daniel Madelénat<sup>1</sup>.

Para o autor, dizer que algo tem uma história significa relacioná-lo a uma tradição, nesse caso, uma tradição vinda da cultura escrita do ocidente europeu, cujas heranças e desdobramentos estão ligados aos valores e práticas do mundo clássico, ou seja, da Antiguidade Greco-Romana. Ao dizer isso Madelénat estabelece uma tradição, mas também determina a historicidade da escrita da vida individual, criando uma chave de leitura através da periodização da escrita biográfica segundo três paradigmas, a saber: o paradigma clássico, que perduraria da Antiguidade ao século XVIII; o paradigma romântico, em vigor na virada do século XVIII para o XIX; e o paradigma moderno, iniciado no século XIX e consolidado no XX.

Pensando nessa renovação do biográfico ocorrida no século XX, Aguirre Rojas nos aponta que dentro do âmbito da chamada história *inovadora* desenvolvida no período, o gênero biográfico não gozava de muito prestígio, o que se dava pelo fato de as historiografias renovadoras da Europa Ocidental procurarem se afirmar em uma oposição direta à chamada historiografia positivista, dominante entre o final do século XIX e o início do XX. Oposição essa que levou a uma valorização dos processos coletivos em detrimento dos *grandes homens*, mas que isso, na esfera exterior a da historiografia não significou, de maneira alguma, que o gênero tivesse caído em desuso.

Rojas ressalta também que se a biografia tem como tarefa reconstruir a vida de um indivíduo, é preciso que se compreenda antes o que é um *indivíduo*, e nesse ponto ele, citando Marx, nos